

MANUSCRITO: *CONTOS*  
TÍTULO: *MIG*  
TOTAL DE PÁGINAS: *008*  
DATA: *01/07/1970*

*MIG*

*Julho 1970.*



A ilha era suficientemente grande para 2 ou 3 pessoas viverem sem se causarem problemas mutuamente. Suficiente para que cada uma pudesse manter um roçado por muitos anos, e seu litoral era rico de peixes.

Mas as quatro pessoas que ali chegaram aquela tarde não pensaram um instante sequer em ficar.

Elas estavam de volta.

Mig comentou consigo mesma:

- Felizmente nada encontramos, nada necessitamos procurar.

E os outros três que estavam deitados com Mig na praia, responderam quase em coro:

- Nada mais, nada mais.

Como se fôsse um bitnado officio religioso, Mig tornou a insistir, na mesma cadência:

- Pois se nós procuramos tanto e nada foi encontrado, é porque o que nós procuramos existe, senão jamais estaria tão bem escondido. Se não existisse, nós já o teríamos achado.

- Sim, estava bem oculto - retrucou Alfa no mesmo tom de voz - e porisso era verdade. Senão estaria onde nossos olhos pudessem bater, estaria ansiando pela revelação internacional.



- Os mutantes existem, os mutantes existem...

- ainda falou Mig antes de cair num sono profundo.

Acordaram quando sol-soleil já se punha.

Os dois homens se encarregaram de pescar, e durante aquilo que não poderia ser chamado de almoço nem de jantar, o mais velho de todos apresentou uma tese nova

- Sobre os discos - falou Tin - é sobre os discos. Algo diferente surgiu enquanto eu pescava. Talvez eles sejam viajantes interestelares mandados pela Própria Terra, na Civilização anterior à nossa. E como viajaram não apenas milhões de Km, mas alguns anos-luz, não envelheceram o suficiente. Viajaram próximo ao limite absoluto, cada segundo de vida deles significava milênios aqui na Terra. Ou viajaram congelados, não sentindo o tempo. Pois bem, enquanto iam e voltavam, aqui na Terra houve tempo suficiente para que toda uma cultura se extinguisse e outra nascesse, A Nossa. Agora estão desorientados, não sabem por onde andar ou o que fazer.

- Isto explica porque seus pilotos tem formahumana, segundo várias testemunhas afirmaram.

- Foi nisto que me baseei, Otsuaf.

- Assim como seria provável também - já que partimos de premissa que Einstein disse a verdade - que tais viaturas sejam, não do passado, mas do futuro, que tais discos sejam a sempre sonhada máquina do tempo, e conduzam dentro deles aqueles que ainda vão nascer, aqueles que tiveram alguma curiosidade pelo presente em que vivemos, já então transformado em passado longínquo.



- Mas o problema não é este - cortou Mig abruptamente. "O problema é se continuamos ou não a procurar a galera francesa. "

Tinham vindo de bastante longe só porque alguém dissera que era verdade. Sem nenhuma garantia, sem qualquer mapa, eles tinham vindo. Descobrir um tesouro num século onde todas as minas já se achavam esgotadas. Cansar os olhos, queimar todo o oxigênio dos pulmões para ver se encontravam, se encontravam a antiga galera francesa que alguns diziam afundada por ali. Por qualquer ponto daquela infinidade de quilômetros quadrados de água, coberta quase que totalmente pela areia, com poucas pistas mesmo para quem passasse a dois palmos dela.

E no entanto eles acreditaram que era bom procurar. Era tudo o que restava de emocionante nesta vida, procurar tesouros escondidos debaixo do oceano. Enriquecer facilmente, sem precisar vestir terno por dezenas de anos. Glória sem qualquer esforço, a não ser aquelas tardes passadas nas milhares de ilhas que entulhavam a área, o sol queimando devagar, o peixe-abado saindo da água. Que o galeão francês fôsse à merda, aquilo só era suficiente.

" O pai antes de morrer, disse que havia um tesouro escondido em qualquer parte do campo. Os filhos pegaram a enxada e reviraram tudo, sem contudo achá-lo.



Mas aproveitando a terra remexida, para não tornarem inútil tão gigantesco trabalho, resolveram plantar. E quando a colheita cresceu, os filhos compreenderam a que tesouro o pai de referia".

A fábula era lembrada pelos quatro a todo instante. E riam com prazer da vida sadia que estavam levando, sem saberem por que, para que e para onde. E havia a Grande Possibilidade de existir mesmo o galeão espanhol, a galera francesa ou a caravela portuguesa. Havia uma grande possibilidade de encontrarem o junco egípcio ou o navio viiking. Talvez os fenícios, talvez os fenícios tivessem chegado naquela área.

- Os discos voadores existem - murmurou Mig antes de dormir aquela noite.

- Sim - respondeu Alfa e os outros também pensaram sim, os discos voadores existem.

Naquela noite Mig chegou perto de Otsuaf, que era calado, quase nunca dizia uma palavra. E sem qualquer ritual de amor, abriu suas coxas para que Otsuaf entrasse, gozando com as mãos apertando a areia, e a areia escapava entre os dedos, e as mãos já não apertavam nada.

- Que é que foi? - perguntou Alfa.

E notaram que Tin subia sózinho, a faca ainda manchada de sangue, a água perto do barco tinta de vermelho.

- Um tubarão - disse sem qualquer medo ou alegria - um tubarão matou Otsuaf.



Ninguém tinha certeza do tal tubarão. Talvez, enfim, o navio tivesse sido descoberto. E por causa disto ninguém chorou a morte de Otsuaf, e que ninguém pense que ali só existia gente ruim. Mas é que a vida passara a ser uma coisa distante, quase inacreditável mesmo, e todos morriam de curiosidade para saber o que existe além, além da carne.

Nem mesmo Mig, que trazia Otsuaf no ventre, derramou uma só lágrima. A reencarnação era verdade, pensou ela, e êle viria para o embrião que se formava, mesmo se esquecendo de tôdas as lembranças do passado, mesmo chamando-a de mãe e não de Amor.

Naquela noite choveu muito e todos dormiram amontoados na única cabine do barco, que era o mesmo tempo sala dos motores e cozinha. Dormiram, sim, vigilantes, e Mig viu Tin pegar a chave de fenda e abrir a porta. Lá fora bateu em sua própria cabeça com força e coragem. Só assim Mig pode dormir tranquila.

Quando ela e Alfa acordaram, Tin ainda estava agonizando no convés. Restavam duas possibilidades:

a) tentar cura-lo.

b) mata-lo.

E ambas escolheram a segunda, ficando Alfa encarregada de acaricia-lo, enquanto Mig terminava de romper seu crâni. Varreram, em seguida - com certa repugnância -



os nioles para o mar. Alfa ficou de mergulhar primeiro.

Lá embaixo estava o galeão francês.

Primeiro trouxeram alguns talheres de prata, em seguida quatro bacamartes, e o tesouro foi subindo até que o barco ficou sériamente ameaçada. Alfa e Mig navegaram para a ilha, e no melhor estilo dos piratas de antanho enterraram tudo. Entre duas bananeiras, perto de um ninho de cobras. Foram necessárias mais de três viagens para que a galera pudesse ser descarregada de tanto ouro inútil. Da última vez que chegaram na praia o cadáver de Otsuaf tinha acabado de encalhar, visceralmente comido por tubarões, mas ainda ostentando a marca de esfaqueamento no aqualung prêto.

Depois de tudo transportado, as duas fecharam o buraco onde estava o tesouro - e o corpo de Otsuaf - caindo imediatamente no mais profundo sono. Ambas sabiam do ninho de cobras, mas era bom, era fundamental que tal risco tivesse de ser corrido. Morrer sem ter gasto um centavo sequer, depois de encontrar o mundo. E tôdas duas sabiam de uma coisa: quanto mais risco se corre, menos coisas de ruim acontecem.

Ali estavam, portanto, apostando alto: a própria vida contra avitória de todos os riscos. Se escapassem, nada mais precisavam temer. A morte só viria tarde, muito mais tarde.



O estranho aproximava-se dela e dizia: "Tens um filho no teu ventre. Bem-aventurada és, Mig, pois contigo se inicia a Nova Raça, a Mutação dá seu primeiro e sacrificado passo, entre as mulheres tu és a escolhida, Meg. Porque dormes em cima do cadáver daquele que seria o pai."

Não podia jurar que era um sonho, e sacudiu Alfa pensando que ela sentira a mesma presença. Alfa disse que não, mas tudo era possível, tudo era permitido. Naquela tarde Mig passou carinhosamente a mão no sexo, subindo para o útero, para os ovários, para o local onde estaria o Novo Ser. O sol descia como sempre, não havia quase mais calor. Meg tinha certeza, queria acreditar, por mais absurdo que tudo lhe parecesse. Quando deitou por si estava firmemente agarrada a seu próprio corpo, implorando a Ninguém para que fôsse possível, sim, para que fôsse possível concebê-lo.

Mas logo em seguida esbofetecou-se com ódio, porque era inadmissível acreditar, em qualquer coisa que seja. Tudo era possível desde que não desejasse muito. E Mig por isso procurou esquecer a Anunciação.

- Engraçado o corpo humano - disse Alfa assim que acordou. "É sólido quando choca-se com outro sólido, é líquido quando deita-se na água, é transparente quando um raio o atravessa".



Ficaram ainda uma semana na ilha. Mig passava as tardes inteiras na praia, olhando o céu, um disco voador poderia surgir a qualquer momento e ela não queria deixar de vê-lo. Ela precisava acreditar que um disco voador ia aparecer. Tinha que haver, claro que tinha que haver seres menos limitados que o homem. E Mig queria viver para assistir à Mutação. Lembrou-se do que Otsuaf dissera enquanto procuravam o ouro.

- Virá uma raça que será a última de uma série de Mutações. E quem nasceu depois de 1940 ainda poderá assistir, poderá pertencer à Sexta Raça Mourada, pois este é seu nome.

Enquanto isto Alfa pensava que era uma mulher feliz, por ter descoberto o galeão espanhol -francês - viking, e por possuir mais de dez amigos numa cidade de oito milhões de habitantes.

Até que um dia chegou o momento de embarcar. E seria curta, muito curta a viagem de volta.

-----FIM-----